

# ANSIEDADE EM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE REVISÃO

Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior, Taquaritinga, SP, Brasil

2019

## **Jucilaine Aparecida SILVEIRA**

Estudante de Graduação 10º semestre Psicologia da Faculdades Ites (Brasil)  
[jucilaine04@gmail.com](mailto:jucilaine04@gmail.com)

## **Wesley Cordeiro dos SANTOS**

Estudante de Graduação 10º semestre Psicologia da Faculdades Ites (Brasil)  
[wesley-38@outlook.com](mailto:wesley-38@outlook.com)

## **Rafaéla Albuquerque PASCHOAL**

Estudante de Graduação 10º semestre Psicologia da Faculdades Ites (Brasil)  
[paschoal\\_rafaela@hotmail.com](mailto:paschoal_rafaela@hotmail.com)

## **Ramiz Candeloro Pedroso de MORAES**

Orientador do trabalho. Psicólogo, Mestre e Docente do Curso de Psicologia Faculdades Ites (Brasil)  
[ramizcpm@hotmail.com](mailto:ramizcpm@hotmail.com)

---

## RESUMO

Este artigo refere-se sobre o transtorno de ansiedade em adolescentes. A fase da adolescência é uma transição entre a infância e o estado adulto, esse período é marcado por mudanças físicas, cognitivas e também pelas mudanças emocionais e sociais. É um percurso cheio de dúvidas, inseguranças que geram angústias e agitações. E nesse período encontramos jovens estudantes com grandes níveis de ansiedade, que desestabilizam a concentração e a memória, trazendo dificuldades e insucesso escolar. O objetivo deste estudo é analisar e compreender quais são os medos, angústias e preocupações que são enfrentadas por alunos do Ensino Médio e como os diferentes fatores influenciam no seu desenvolvimento. Para o desenvolvimento deste trabalho foi utilizado um levantamento bibliográfico de pesquisas qualitativas relacionadas ao tema ansiedade em contexto escolar de alunos do ensino médio. O estudo bibliográfico visa refletir como o sistema de ensino, os ambientes escolares e familiares podem surgir como fatores de risco para o transtorno de ansiedade. A adolescência se caracteriza como superação da infância e, após entrada na vida adulta. Das características físicas desta fase ressalta-se o desenvolvimento de pêlos no corpo, o crescimento



repentino e o desenvolvimento das características sexuais, no âmbito emocional surgem as rebeldias, as insatisfações, a onipotência, as crises geracionais. As possíveis alterações físicas e psíquicas no adolescente podem ser problematizadas pelo excesso de pressões familiares, escolares e também sociais, o que acaba tornando a saúde mental frágil para suportar questões cotidianas.

**Palavras-chave:** ansiedade, ensino médio, adolescentes.

## ABSTRACT

This article refers about anxiety disorder in teenagers. The adolescence phase is a transition between childhood and adulthood, this period is marked by physical, cognitive changes as well as emotional and social changes. It is a journey full of doubts, insecurities that generate anguish and agitation. And during this period we find young students with high levels of anxiety, which destabilize concentration and memory, bringing difficulties and school failure. The aim of this study is to analyze and understand what are the fears, anxieties and concerns that are faced by high school students and how the different factors influence their development. For the development of this work a bibliographic survey of qualitative research related to the theme anxiety in school context of high school students was used. The bibliographic study aims to reflect how the education system, the school and family environment can emerge as risk factors for anxiety disorder. Adolescence is characterized as overcoming childhood and, upon entering adulthood. The physical characteristics of this phase include the development of body hair, the sudden growth and the development of sexual characteristics, in the emotional environment arise rebellion, dissatisfaction, omnipotence, generational crises. The possible physical and mental changes in adolescents can be problematized by the excess of family, school and social pressures, which makes the mental health fragile to support daily issues.

**Palavras-chave:** anxiety, high school, teenagers.

Copyright © 2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



## 1. INTRODUÇÃO

Na infância são ocasionadas várias situações que no futuro podem derivar em estados de ansiedade, comprometimento do desempenho escolar ou relacionamento com outras pessoas no dia a dia e prejuízo na capacidade de raciocínio. O período da adolescência é de transição entre a infância e o estado adulto, em que o jovem procura um significado para a vida.

Borges et al. (2008) discorrem que o final da infância e a adolescência são períodos marcados por mudanças físicas, cognitivas e também pelas mudanças emocionais e sociais em que as crianças e adolescentes vivenciam estímulos diferentes de stress referentes aos desafios e mudanças.

Esse percurso é cheio de dúvidas, inseguranças e perguntas que quando não encontram as respostas apropriadas, geram angústias e agitações possibilitando o aparecimento de distúrbios ansiosos na adolescência. Também nesse período encontramos jovens estudantes com altos níveis de ansiedade que desestabilizam a concentração e a memória, trazendo dificuldades e insucesso escolar.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM V (2014), no transtorno de ansiedade em indivíduos do sexo feminino é identificado um número maior de comportamentos como de medo, além de transtornos depressivos, bipolar e de ansiedade comórbidos, do que nos indivíduos do sexo masculino.

Para Brito (2006), a ansiedade deve ser diferenciada do medo, pois possui uma densidade que o medo não tem, já que a ansiedade é central e ontológica, e o medo por sua vez, é periférico e circunstancial. Ou seja, a ansiedade é vista por Brito como um fator primário, centralizado, já o medo é relativo, casual.

O objetivo geral deste estudo é compreender quais são os medos, angústias e preocupações que são enfrentadas por alunos do Ensino Médio e também como eles lidam com o enfrentamento dos ciclos que estão se encerrando com pessoas de seus convívios diários, e com os ciclos que em breve se iniciarão com situações e pessoas novas.

Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizou-se como método a pesquisa bibliográfica a partir do estudo de pesquisas qualitativas relacionadas ao tema ansiedade em contexto escolar de alunos do ensino médio, que serviu de auxílio para compreender qual a fonte da ansiedade na vida do adolescente, onde e como surgem os primeiros comportamentos ansiosos. O estudo bibliográfico visa refletir sobre como os aspectos escolares e o sistema de ensino, o ambiente escolar e as famílias podem surgir como fatores de risco para o transtorno de ansiedade. Foram

utilizadas também pesquisas em bases de artigos científicos e revistas relacionadas ao objetivo do trabalho, a fim de buscar dados que auxiliassem.

## 2. ADOLESCÊNCIA NA PÓS-MODERNIDADE

Vygotski (1994), em seu texto “Internalização das funções psicológicas superiores” exibiu o método do instrumento (de trabalho) e do signo (atividade psicológica) sendo chamado de internalização. Segundo o autor: “A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é a base do salto quantitativo da psicologia animal para a psicologia humana” (apud BOCK, 2004, p. 76).

Neste sentido, conduz o texto de Leontiev (1978 apud BOCK, 2004) “O homem e a cultura” baseado na qualidade da vida de um indivíduo, sendo o trabalho e a vida em sociedade para seu progresso. Quando ocorre a emancipação do indivíduo, das limitações biológicas, apresentam-se as leis sócio históricas, inserindo mudanças em suas aptidões e comportamentos inatos. Dessa forma, apresenta o fenômeno externo da cultura material e intelectual sendo contextualizado em objetos, produzidos e modificados para contentar-se. Nesta perspectiva, o autor apresenta que os indivíduos compreendem a cultura, porém são influenciadas pela hereditariedade biológica, estruturando seu mundo material pelas gerações antecedentes, portanto essa geração se torna ativa para a construção de habilidades aprendidas.

Bock (2002), traz um estudo referente aos adolescentes com análise crítica em livros com bases de diretrizes de pais e professores. A adolescência se caracteriza como superação da infância e, após entrada na vida adulta. Das características físicas desta fase ressalta-se o desenvolvimento de pêlos no corpo, o crescimento repentino e o desenvolvimento das características sexuais, no âmbito emocional surgem as rebeldias, as insatisfações, a onipotência, as crises geracionais (apud BOCK, 2004). Já Erickson (1976), remete à adolescência a confusão de papéis, as dificuldades para reestabelecer uma identidade própria (apud BOCK, 2007).

De acordo com Aberastury e Knobel (1989, p. 29), nesta perspectiva muitos autores se embasaram nesse estudo que trouxe em seu trabalho a “síndrome normal da adolescência”, que engloba:

- 1) busca de si mesmo e da identidade;
- 2) tendência grupal;
- 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar;
- 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso;
- 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário;
- 6) evolução sexual manifesta, que vai do autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta;
- 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associadas de diversa intensidade;
- 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão



conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo (apud BOCK, 2004, p.33).

Neste ponto de vista, foi idealizado como um período dificultoso, repleto de conflitos, como a demora em adentrar ao mercado de trabalho, sendo uma modelagem de pressão da adolescência. Becker (1989, p.10 apud BOCK, 2007), apresenta a adolescência como “a passagem de uma atitude de simples espectador para uma outra ativa, questionadora, que inclusive vai gerar revisão, autocrítica, transformação”. Adolescência, concebida como transformação, toma, da sociedade e da cultura, as formas para se expressar.

Com isso Calligaris (2000 apud BOCK, 2007) dispõe as dificuldades dos adolescentes em localizar-se dentro de uma cultura e quando não compreendeu seus prenúncios para a vida adulta, sendo referenciado com desconfianças e suas atitudes como imaturas.

Nesse sentido o autor prossegue que os adolescentes são “interprete dos desejos adultos”, sendo desvalorizado em comunidade. Com isso, a psicologia necessita sobrelevar o conceito de adolescente na visão pessimista da sociedade, pois não é relevante para os adolescentes, portanto precisa-se inserir os adolescentes na sociedade como membros sociais fortes, proativos, e com metas para o futuro.

Na visão positiva a adolescência está caracterizada como “fase passageira”, resultado da falta de maturidade, se encaminhando para o mundo adulto. Nossa cultura valoriza o adulto produtivo e desvaloriza todas as outras fases da vida: a infância, a velhice e a adolescência, tomadas como fases improdutivas para a sociedade, por isso desvalorizadas (BOCK, 2007, p. 14).

O relacionamento dos adultos com adolescentes –e, de modo geral, conflituosos, pois os adolescentes procuram sua liberdade e os pais não permitem fracassar no comando dos filhos. São essas diferenciações nos gostos, regras, valores, que são referenciados como oposição. Os adultos são incentivados ao controle, à autoridade, à imposição de regras, mas são também incentivados ao amor, à compreensão, à tolerância, a manterem relações democráticas e a valorizarem positivamente o adolescente (BOCK, 2007).

Leontiev (1978), traz a adolescência “como uma construção social que tem suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento” (apud BOCK, 2007, p. 15).

Na concepção sócio-histórica está mais relacionado à compreensão e relações sociais do adolescente nesse período de desenvolvimento em sua totalidade. Adélia Climaco (1991) refere-se aos fatores sociais, econômicos e culturais como “latência social”, constituída pelo ingresso no trabalho e prolongamento escolar. Com isso traz a indagação de sua autonomia nas questões

financeiras para as possibilidades de participar do mundo adulto e ser independente dos pais (apud BOCK, 2007).

De acordo com David Levinsky (1995), a adolescência é como um processo gradual que se modifica diante seu ambiente e de seu histórico de vida, que tem início à puberdade e sua estruturação cognitiva. Ou seja, “nas sociedades modernas ela é mais lenta e dolorosa e já nas primitivas, ela era agilizada e atenuada pelos ritos de passagem e pela maior facilidade em participar do mundo adulto” (apud BOCK, 2007, p. 64).

Içami Tiba (1985 apud BOCK, 2007), conceitua a adolescência como uma fase sem período definido, porém iniciado na puberdade. Os adolescentes buscam inegavelmente sua autonomia, liberdade, prazer e status tendo comportamento de compulsão e agressividade.

Já Outeiral (1994), referência a adolescência como uma etapa do desenvolvimento humano que se configura pela definição da identidade, que também se introduz na puberdade e se prolonga até sua maturidade e responsabilidade social. Com isso, o autor divide em três fases a adolescência:

A primeira, o jovem vivencia uma passividade em relação as suas transformações corporais, criando-se a partir daí um sentimento de impotência frente ao mundo e à realidade. Na segunda, a crise se dá por um choque entre gerações, já que a estrutura familiar vivida hoje é muito diferente da estrutura vivida por seus pais. A busca da independência é o foco central, incluindo a busca da definição sexual. Na terceira e última fase, a busca se dá pela identidade profissional e inserção no mercado de trabalho, ou seja, a busca de reconhecimento pela sociedade e a independência financeira (apud BOCK, 2007, p. 65).

Nesta perspectiva, a adolescência é vista como um processo para a entrada da vida adulta, não definindo o início e o fim deste processo só referenciando como um ciclo intermediário. Entretanto, a adolescência é uma fase que traz a identidade como contraditória, porém se enxerga o futuro como um agrupamento de possibilidades mesmo podendo não ter prazo de período para concretizá-los (BOCK, 2007).

A adolescência concilia-se com o mundo do trabalho, sendo muitas vezes dificultosa a entrada nesse processo, pois há preferência para projetos de auto realização. Conceituaram essa fase como crises, que o adolescente se sente excluído da sociedade (BOCK, 2007).

Para Bock (2007), a adolescência é como a fase do crescimento, sendo classificada pela idade, os adultos exigem respeito e os mais novos os obedecem. O jovem é aquele que se integra mal, resiste à socialização, se desvia do padrão, sendo a representação do desvio.

Calligaris (2000), avalia criticamente a adolescência e seus impedimentos para a integração na comunidade. Com isso, o autor define o adolescente como um intérprete dos adultos, sendo somente ouvido através deles. Então conclui-se que a adolescência é uma fase conflituosa, que tem que ser reavaliada pela sociedade, que a julga ser uma fase negativa ou como “bobagens da idade” (apud BOCK, 2007).

A psicologia se responsabiliza pela crítica naturalizante da adolescência, e seus comportamentos sociais que os envolve como a violência e a drogadição no estudo sócio-histórico.

A abordagem marxista, entende o homem desenvolvido com base na interação com o mundo social e cultural buscando sua autonomia. Leontiev (1978) cita em seu texto “O homem e a cultura” que “Podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico pela sociedade humana” (LEONTIEV, 1978, p.267 apud BOCK, 2004).

Em um estudo anterior Bock (2001) conceitua em duas vertentes a adolescência, com base positivista e marxista, em “visão liberal” e “visão sócio-histórica”. A elaboração sócio-histórica se inicia a partir do entendimento da naturalização do homem, considerando como esperado seu desenvolvimento pelo meio externo, social e cultural. “O homem é livre e dotado de potencialidades naturais que necessitam de condições adequadas para se atualizarem, se concretizarem, permitindo a realização daquilo que é potencial, dada a natureza humana” (apud BOCK, 2007, p.67).

O relacionamento do homem com o ambiente externo deve progredir para suas habilidades e suas limitações mediante as suas características sendo constituída por essa relação dialética. O fenômeno psicológico é definido como a subjetividade do indivíduo que se estruturou na relação com o campo material e social que se renova em seu amadurecimento. Sendo a compreensão da linguagem um fator importante para intermédio da internalização que compõem a subjetividade (BOCK, 2007).

A adolescência é conceituada como a estruturação social que tem consequência na sua subjetividade e fatores do desenvolvimento no corpo físico. Com isso traz o exemplo dos seios nas meninas que as converte em sedutoras e sensuais, a força muscular dos meninos dispõe da beleza, sensualidade e masculinidade (BOCK, 2007).

A abordagem sócio-histórica referencia a identidade do adolescente com suas relações sociais compreendendo sua entrega na totalidade. Adélia Clímaco (1991) traz conteúdo para entendermos como emergiu a adolescência. Com a revolução industrial os jovens se prolongaram nas escolas para o preparatório técnico e se afastaram do mercado de trabalho, ocasionando a “latência social”. Com isso traz a desvalorização, a falta de autonomia e falta de condições



financeiras do adolescente ao mundo adulto, apesar de dispor de condições cognitivas, afetivas e fisiológicas, acarretando a dependência do adulto em que reside (apud BOCK, 2007).

Por conta da latência social, as principais características dos adolescentes, na visão da psicologia, são as crises de identidade e a busca de si mesmo; tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; atitude rebelde; onipotência e outras. Dessa maneira, os jovens estariam mais capacitados para o mundo de trabalho do que adultos com mais tempo no mercado de trabalho (BOCK, 2007).

O adolescente carrega os conflitos nessa etapa de desenvolvimento por falta de identificação de papéis e de estabelecê-los, passando de criança à adolescente. A adolescência é identificada como um prolongamento escolar, e que só existe a adolescência no período de conflitos para ser passado de criança para adulto (BOCK, 2007).

Para alguns autores, os adultos desempenham o papel de representantes da sociedade, e por essa relação com o adolescente se faz as características desse intermédio da fase de criança para o adulto. Com isso a sociedade definiu como “uma fase do desenvolvimento de seus filhos e atribui-lhe significados; espera algumas condutas de seus e jovens”, enquanto a ciência naturaliza o conceito de adolescência (BOCK, 2007, p.70).

Waldman (1997), se refere a adolescência com “características universais e pela busca da independência e identidade” (apud BOCK, 2007, p. 71). Com visões negativas vindo da sociedade, em suas palavras, Waldman identifica os adolescentes como aqueles que retaliam, agridem, resistem; são malvados, parecem doidos, possuem imaturidade, e são sem controle. Ademais os adolescentes são vistos como incapazes. Em seu livro, o autor pontua o medo dos pais de perder o controle de um adolescente, por isso classifica como sendo uma “luta”. E com isso, os pais precisam compreendê-los, aceitá-los, e ter paciência.

Tiba (1996 apud BOCK, 2007) define a adolescência como algo naturalizante em suas características e nas suas relações conflituosas com os adultos. Ocasionalmente a compreensão dos entes próximos para serem saudáveis seus vínculos de enfrentamento.

Zagury (2001 apud BOCK, 2007, p. 71) conceitua a adolescência naturalizante com aspectos negativos pela imaturidade como “capacidade inesgotável de se opor, insegurança e baixa auto-estima, certa dose de depressão; precisam de amor, são jovens e estão aprendendo”. Na intimidade dos pais, o autor relata que os pais necessitam ser tolerantes, amá-los, e se posicionar como autoridade para defrontar quando não está de acordo com as regras.

Zagury (1996 apud BOCK, 2007) em seu outro livro traz as características de seu progresso de comportamentos sociais e psicológicos. Sendo o:

desenvolvimento físico, intelectual e afetivo, amadurecimento sexual, mudanças sociais, tendência à imitação, tendência a buscar novas respostas, onipotência pubertária, grande



apetite, insegurança, busca de identidade, confusão, medo, preocupação social, sonho, contradição, serenidade, instabilidade, emoções contraditórias e sentem-se imortais (ZAGURY, 1996 apud BOCK, 2007, p.72).

Nesta perspectiva a intimidade dos pais e adolescentes exhibe ser dificultosa, pois os pais não pretendem desapossar o lugar de referência. Os pais devem compreender, as demandas adolescentes e não os infantilizar determinando as orientações e regras e para que adquiriram responsabilidade (BOCK, 2007).

Em resumo a adolescência apresentou mais aspectos negativos que são “desvalorizadas na sociedade; porque aparecem como incompletude, imaturidade, algo que ainda não acabou de acontecer e de se desenvolver” (BOCK, 2007, p. 72). Porém mostra-se as características positivas, que se constitui como “fase da imaturidade”, que é passageira.

Na hierarquização, o adulto torna-se uma meta para o adolescente, o que facilita uma relação conflituosa entre eles, por pensarem e agirem de modo diferente, estando o adolescente em oposição ao adulto, sendo naturalizante essa etapa de desenvolvimento. Suas características biológicas, psicológicas são definidas como “Rebeldia, desenvolvimento do corpo, instabilidade emocional, tendência à bagunça, hormônios, tendência à oposição, crescimento, desenvolvimento do raciocínio lógico, busca da identidade, busca de independência” (BOCK, 2007, p. 72).

A explicação da adolescência em seu início, ainda é uma incógnita, sendo muito referenciado como uma fase do desenvolvimento que vai se estruturando de acordo com suas relações sociais. Os adultos são motivados ao controle, a autoridade, a imposição de regras, mas os estudos relatam suas visões positivas que os pais necessitam ser tolerantes, compreensivos, pacientes e aceitar sua etapa para lidar com um adolescente, sendo fundamentada em sua fase (BOCK, 2007).

Ao pensar na gênese da adolescência estudos relatam não existir, não sendo estruturada pelas relações sociais e na cultura. Com isso traz a falta de:

políticas para a juventude em nossa sociedade, a desqualificação e inadequação das atividades escolares para a cultura jovem, o sentimento de apropriação que os pais têm, em nossa sociedade, em relação aos filhos, as contradições vividas, a distância entre o mundo adulto e mundo jovem, a impossibilidade de autonomia financeira dos jovens que ou não trabalham ou sustentam a família, nenhuma destas questões é tomada como elemento importante para compreender a forma como se apresenta a adolescência em nossa sociedade (BOCK, 2007, p. 73).

A intimidade do adolescente com o adulto se torna conflituosa, e os pais tem a função de diminuir essa tensão causada pelo adolescente, mediando seus projetos, necessidades e

possibilidades que são delineadas pela cultura. As outras fases da vida como a infância, a velhice e a adolescência são vistas como impotente pela sociedade.

Diante disso, a Psicologia necessita desmistificar o estereótipo da fase da adolescência, aplicando projetos psicoeducacionais, e políticas sociais que dêem suporte para essa fase tão desvalorizada, sendo assim a dificuldade de entrar na sociedade como “parceiros sociais fortes, criativos, cheios de projetos de futuro” (BOCK, 2007, p. 74).

Em meados dos séculos XIX conceituou-se oficialmente a adolescência na sociedade. De acordo com Moscovici (2003) “as pessoas assumem posições desiguais, onde o que cada ser humano expressa não são suas ideias, mas, sim, o conhecimento verdadeiro de um grupo que ele representa”, desse modo, precisam decretar sua autoridade mediante de cada situação (apud BERNI; ROSO, 2014, p.129).

O mercado econômico foi o motivo do conceito de adolescência se reproduzir, então foram introduzidas características universais para referenciar a adolescência. Schwetter (2006) traz o conceito de adolescente como “uma etapa de preparação para a vida adulta, uma etapa de dedicação à educação e à experimentação da vida”. Com isso se abre novas horizontes em políticas sociais para os adolescentes (apud BERNI; ROSO, 2014, p.29).

Calligaris (2010) conceitua a adolescência como um mito, e diz que “os mitos são uma forma arcaica e primitiva de pensar e se situar no mundo, compartilhada de modo igual” (apud BERNI; ROSO, 2014, p.130). Então se analisarmos a adolescência como mito, elaboraremos a fase em que o ser humano inicia seus questionamentos e experiências que quer adquirir para a fase adulta, que estava difícil de assimilar. Por isso a fase da adolescência se caracteriza pela estruturação social, histórica e cultural reforçando sua naturalização em meio aos benefícios da sociedade.

Alguns autores como Aberastury (1983), Deutch (1983) e Erikson, (1976) colaboraram com a oficialização do intermédio da fase infância para a adulta. Com isso G. Stanley Hall (1904) referencia a adolescência “pelo mito que ‘tempestade e estresse’ é uma parte universal e inevitável do desenvolvimento do adolescente” (p130). O autor consagra a adolescência na faixa etária de oito a doze anos, conceituando a pré-adolescência. Apoiando a escolarização obrigatória, podendo preservar os direitos da infância (apud BERNI; ROSO, 2014).

Segundo Stanley Hall (1904), o processo de desenvolvimento da fase da adolescência é importante e evidenciado por se apegar a sexualidade. Alguns autores referenciam como a fase de “confusões, estresse e luto também causados pelos impulsos sexuais que emergem nessa fase do desenvolvimento” (apud BERNI; ROSO, 2014, p.140).

Outeiral (1994) apresenta a adolescência como um fenômeno psicossocial que é fragmentada em três etapas: sendo a primeira marcada pelas modificações do corpo (puberdade); a segunda, pela busca da definição sexual; e a terceira – culminando com o fim da adolescência – seria

marcada pela aquisição da maturidade e da responsabilidade social. Portanto, relata o adolescente ser uma parte beneficiada pela sociedade, com isso relaciona o conceito com aspectos sociais econômicos e culturais em meio a sua estruturação (apud BERNI; ROSO, 2014).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (World Health Organization – WHO, 2013), a adolescência é compreendida entre a faixa etária de 10 e 19 anos. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069, 1990) considera adolescente a partir 12 e 18 anos de idade. O Ministério da Saúde, em consenso com a OMS, diferencia a adolescência da juventude por faixa etária, sendo esta compreendida no período dos 15 aos 24 anos de idade (BRASIL, 2007).

A adolescência é definida como um período biopsicossocial que compreende, segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS (1965), a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 20 anos. Esse também é o critério adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil (Brasil, 2007a) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (Brasil, 2007b). Para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, o período vai dos 12 aos 18 anos (Brasil, 2007c). (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010, p. 227).

### **3. DESENVOLVIMENTO DA ANSIEDADE EM ADOLESCENTE.**

Partindo da fase pré-adolescente, o jovem passa a adquirir grandes evoluções em seu âmbito social, com relação a suas responsabilidades pessoais e futuras. Diante dessas responsabilidades, ele desenvolve mudanças físicas e psíquicas. As ideias formadas pelo mesmo, desencadeiam a necessidade de enfrentar quaisquer atitudes antecipadamente tomados por si mesmo e, diante disso, ele vivencia o sentimento de ansiedade, por medo de não conseguir ter uma experiência tão agradável, que por sua vez acabam interpretando a “Adolescência” uma fase muito ruim de se habituar perante os desafios (BATISTA; OLIVEIRA, 2005).

O conceito de ansiedade para May (1980) é entendido como as advertências entre o adolescente e o ambiente ameaçador e as estratégias neurofisiológica. Essas advertências são constituídas de forma subjetiva do próprio adolescente, tanto interno quanto externo, que em determinada circunstância, não consegue realizar suas próprias demandas e a partir disso desenvolvendo em si o sentimento de ameaça interna de seu próprio ambiente (apud, BATISTA; OLIVEIRA, 2005).

A ansiedade é definida como a necessidade de querer fazer algo, portando a um sentimento desagradável e apreensão negativas arraigado no adolescente. Esses sentimentos de inquietação são entendidos como a presença de uma determinação fisiológica e psíquica. As determinações fisiológicas são apresentadas na maioria das vezes como comportamento agitado, hiperativo e em

determinadas ocasiões a comportamentos impulsivos, causando tremedeira, suor, etc. Assim acontece com a determinação psíquica, causando irritabilidade, insônia e em grande parte pensamentos negativos. Esse aparecimento de sintomas pode acontecer momentaneamente, ou até mesmo ser permanente no indivíduo, elevando-se com o decorrer do tempo (BATISTA; OLIVEIRA, 2005).

### **3.1. Ansiedade no âmbito escolar**

O direito a educação é assegurado por meio da Constituição Federal de 1988, da Lei Nº 8069/90- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96, no qual prioriza o acesso e a continuidade do aluno na escola, visando à formação do usuário para o desempenho da cidadania, preparação para o trabalho, e sua atuação social (SILVA; FERREIRA, 2014).

A escola mediante as diversidades dos alunos em circunstâncias diferentes e realidades diversas traz entre si uma série de demandas, no qual mostra como a dificuldade para o progresso do aluno e para o progresso do trabalho do profissional de educação, por ter que atuar muitas vezes distante do contexto de sua formação (SILVA; FERREIRA, 2014).

Segundo Berger et al (2011) no âmbito escolar a aprendizagem está relacionada entre alguns fatores; o social; o emocional e o cognitivo. O aprender está vinculado a habilidade intelectual da pessoa, às vezes dependendo da maneira em que se convive com seus semelhantes, com o professor e do modo que sente e identifica esse âmbito escolar (apud MUNIZ et al, 2016).

A formação do autoconceito é demorada e se desenvolve através das vivências e convívio com outras pessoas. As crianças que são submetidas a experiências desagradáveis, no qual são tratadas de forma grosseira, estúpida e negligente, na maioria das vezes por adultos significativos; sua história de vida como pais e professores, propendem a desenvolver um autoconceito não muito valorizado a respeito de si. Portanto, as crianças tendem a absorver a ideia que os adultos significativos possuem sobre elas, mesmo que não estejam apropriados sobre o que a criança de fato é (CARNEIRO; MARTINELLI, 2003, apud MUNIZ; FERNANDES, 2016).

Na escola o contexto pode gerar aparecimento dos sintomas de ansiedade no aluno com que se relacionam perante as dificuldades de aprendizagem, motivação, desempenho acadêmico e das regras a serem realizadas (MUNIZ; FERNANDES, 2016).

De acordo com Winnicott (1971), a fase da adolescência traz consigo a busca da identidade e da sexualidade, surge também o desejo de se distanciar de pessoas próximas como parentes, surge agregação de grupos, ocorrem a rebeldia, a falta de compromisso e conflito com professores. Para Winnicott a característica importante do adolescente é a imaturidade, pois surge na variação de ser

e não ser dependente, na ausência da compreensão do ambiente como um todo (apud OLIVEIRA; FULGENCIO, 2010).

Segundo Winnicott (1971, p. 198) a imaturidade também torna possível que muitas experiências e muitas propostas mais criativas possam ser feitas, e Winnicott considera que essa possibilidade é algo que pode contribuir para o próprio desenvolvimento da sociedade: “Nela [na imaturidade do adolescente] estão contidos os aspectos mais excitantes do pensamento criativo, sentimentos novos e diferentes, ideias de um novo viver. A sociedade precisa ser abalada pelas aspirações daqueles que não são responsáveis (apud OLIVEIRA; FULGENCIO, 2010).

Segundo Winnicott (2005a) o ambiente em que ele vive está relacionado no suporte psíquico da vida do indivíduo, uns dos ambientes em que os adolescentes convivem uma boa parte do seu tempo são nas escolas. É no âmbito escolar que o adolescente convive com a diversidade e as diferenças, isto é, ele passa por novas experiências e questões que não se vê em casa e para Winnicott os pais, professores e os demais que fazem parte do ambiente do adolescente podem ser assumidos como opositores ou como cuidadores. O adolescente requer suas próprias respostas como confirmação e a demanda de si (apud OLIVEIRA; FULGENCIO, 2010).

A escolha profissional do adolescente no ensino médio se depara com incertezas e ansiedades diante das novidades. Sendo assim esta geração do século XXI é associada a geração de conhecimento que passa por angústias e ansiedades devido a cobranças impostas pela família e pela sociedade. O tempo que cada pessoa necessita para se conhecer e decidir o que é satisfatório para si, são desiguais ao desenvolvimento emocional e intelectual do adolescente, pois ele está em constante mudança. O indivíduo defronta-se no dia a dia, com várias dúvidas, como por exemplo o vestibular, que é uma escolha decisiva em relação a todo o restante, pois aparecem os questionamentos a perspectiva da profissão que pretende efetuar e a questão financeira e o mercado de trabalho (SILVA, 2011).

Devem-se conceituar os interesses, as aptidões do adolescente, pois quando se faz o que gosta, o resultado é mais satisfatório. O adolescente busca a sua realização pessoal, sendo assim ele quer aprimorar suas potencialidades e ter o conhecimento sobre o que almejou como profissão e ser um indivíduo dentro da sociedade. A escola tem uma parte importante no desenvolvimento do pensamento e na criação da personalidade. Portanto os adolescentes de hoje em dia levam um maior tempo para introduzir na vida adulta, mas iniciam a puberdade prematuramente, sendo assim o começo da vida profissional se inicia mais tarde e a ampliação do ensino médio estabelece tempo pra se tomar decisão mais consciente. A família tem uma forte influência na escolha da profissão, querendo que os adolescentes realizem os sonhos dos pais ou que de continuidade para os negócios da família (SILVA, 2011).

A finalidade da escola é ensinar, pois a aprendizagem não se refere apenas a conteúdos, o principiante necessita de ser visto nas questões de um ser complexo, que precisa de uma direção que tenha segurança para enfrentar os obstáculos da vida que começam a surgir no começo da graduação. Com o desenvolvimento industrial no século passado, houve a necessidade de priorizar a formação acadêmica centralizado no trabalho, e os cursos profissionalizantes foi essencial para promover a mão de obra (SILVA, 2011).

Nesse sentido, a Orientação Profissional pode ser favorável no processo de escolha, de uma ocupação ou até mesmo na reorientação para alguns indivíduos. No Brasil a Orientação Profissional é utilizada em abordagens a educação e a clínica psicológica, visando facilitar a escolha de grande importância da vida das pessoas, sendo que no caso do trabalho é o que poderá garantir o seu sustento, o seu bem-estar, a prática de sua vocação, uma autoestima elevada, reconhecimento pela sociedade e dignidade de ser quem é (LISBOA, 1998).

É significativo o trabalho da orientação profissional a ser elaborado para os alunos, essencialmente nas escolas públicas, pois esses jovens precisam de conhecimentos e orientações que os auxiliem na conquista de decisões ao seu futuro profissional. Portanto, o processo da escolha profissional no âmbito escolar pretende proporcionar o autoconhecimento o entendimento das profissões, como o mundo de trabalho que o adolescente está inserido (FACHIN, ORZECOWSKI, 2014).

#### **4. CONTRIBUIÇÕES DO PSICÓLOGO**

Na atualidade, diante de diversas patologias desenvolvidas em um âmbito educacional, o papel do psicólogo mediante as situações é de agregar resultados que favoreçam em uma melhor condição psicológica do aluno. Partindo disso, o psicólogo educacional é solicitado por professores, assistentes de trabalhos, famílias, no sentido de resolver questões que problematizam o aluno (ANDRADA, 2005).

Uma das problematizações que se desenvolve em alunos na pós modernidade, pode ser gerada pela ansiedade, sendo provocada pelo excesso de pressões familiares, escolares e também sociais. Quando a ansiedade é frequente no aluno se torna um transtorno patológico e, a estabilidade de vida emocional pode ser prejudicada, ocasionando diversas dificuldades na escolarização (ANDRADA, 2005).

O psicólogo, em meio a problematização na escola, deverá entender quais fatores influenciam na alteração emocional do aluno e a partir disso fornece recursos de intervenções, possibilitando um ambiente acolhedor, ouvindo as demandas dos indivíduos da escola e construindo formas de lidar com as situações diárias (ANDRADA, 2005).



Winnicott (1900), se interessou em estruturar uma abordagem da elaboração emocional, voltado para o bem-estar da pessoa. Acostumado em promover suportes para os indivíduos, no sentido de acolhê-las e ampara-las em demandas pessoais, problemas particulares, e em outras ocasiões, o intuito é de atingir uma vivência satisfatória, durante a escolarização (apud PONDÉ, 2011).

Pautando disso é essencial que os alunos sejam entendidos em seu âmbito educacional, como interação única de seu ciclo social, englobando parentes, instituições, etc. Surge diversas inseguranças com relação ao futuro, e se agrava cada vez mais o desenvolvimento da ansiedade, fazendo com que o aluno tenha pensamentos negativos, baixa autoestima, medo entre outros sintomas (ANDRADA, 2005).

O medo possui uma definição concedida a um afeto que nasce com a pessoa e que se desfruta de algo frustrante, são relacionadas às incapacidades dos momentos frágeis de indivíduos que possuem poucos recursos, para atingir a sua própria construção. Situações que são nítidas nas verbalizações de indivíduos que possuem em si, são sensações de fraquezas, irritabilidade, medos frequentes dentre outras (PONDÉ, 2011).

Em outras palavras, Winnicott (1900), pontua que o medo aumenta diante de uma viável proteção. É um processo de alerta atendendo a algo ameaçador a garantia que o indivíduo está vivenciando. Nesse sentido as ameaças estão ligadas aos fatores exteriores que ocasionam emoções frequentes ou patológicas no indivíduo. Entretanto, os fatores exteriores e interiores, pouco a pouco vão sendo resistentes, estabelecendo através das aprendizagens correlacionais a promoção da construção dos impulsos instintivos, diante das maneiras de lidar com suas próprias emoções, angústias, medo que se acercam (apud PONDÉ, 2011).

É importante que o profissional, estabeleça cogitações junto ao aluno, professor e outros profissionais da escola para que a forma de se trabalhar seja favorável para todos, tantos para questões interpessoais como em outras ocasiões futuras. Partindo disso, é importante também permitir uma escuta qualificada dos alunos, sobre questões de ensino, da instituição e também do agrupamento escolar. Essas projeções podem ser relatadas por rodas de conversas e dinâmicas estabelecidas pelo profissional (ANDRADA, 2005).

Quando o psicólogo atinge a forma de entender o procedimento dos indivíduos, passam a ser profissionais qualificados a auxiliar e acolher as demandas de cada indivíduo, levando a compreender e se auto analisar, e assim vivenciar uma prática satisfatória. Entender que a Psicologia, fornece aos indivíduos, por intermédio da ciência, dos fundamentos teóricos e resultados de suas práticas, momentos para definir os procedimentos pertinentes a uma ação de si mesmo (PILETTI, 1997).



No âmbito educacional, existem duas questões relevantes, que necessitam de uma concentração maior de um psicólogo, sendo a aquisição de vários períodos de avanço dos alunos indivíduo e a aquisição do conhecimento e das situações que regressam maior parte de competência e prática (PILETTI, 1997).

Para o psicanalista Winnicott (1971), o meio se torna adequado quando proporciona elementos que favoreçam na evolução do ser humano. Nesse seguimento, se o meio é insuficiente, em uma intensidade elevada, às capacidades da pessoa resistir, basicamente na primeira fase que se dá o começo da vida, pode desenvolver diversas alterações no indivíduo que tendem a causar adoecimentos tanto físicos quanto psicológicos (apud OLIVEIRA; FULGENCIO, 2010).

O meio que o indivíduo precisa para que haja uma evolução, é primeiramente uma família que compreende o indivíduo diante de suas escolhas e frustrações. Winnicott pontua que a mãe suficientemente boa, oferece um ambiente acolhedor para seu filho, tendo uma visão de que o filho possui habilidades para enfrentar e suportar os desafios que o meio proporciona (OLIVEIRA; FULGENCIO, 2010).

Quando a mãe possui o ego resistente, conseqüentemente, fortalecerá o ego do filho o incentivando a reconhecer e construir seu próprio *Self*. É nesse sentido que a família contribuirá na redução de ansiedades em adolescentes pós modernidade (OLIVEIRA; FULGENCIO, 2010).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi mencionado, a ansiedade é um transtorno que afeta diversas pessoas, acarretando algumas mudanças físicas e psíquicas. E assim, podendo levar o indivíduo a ter sintomas desagradáveis e algumas limitações no âmbito biopsicossocial.

As possíveis alterações físicas e psíquica que problematizam o adolescente em escola pública, podem ser provocadas pelo excesso de pressões familiares, escolares e também sociais, o que acaba tornando a saúde mental frágil para suportar questões irrelevantes.

Através das informações encontradas, consideramos que a pressão psicológica, sobrecarga de atividades escolares e outros fatores como, a pressão familiar com relação a escolha profissional do aluno, ou então, o próprio aluno estar indeciso com o futuro, a insatisfação, dificuldade para estabelecer a própria identidade, entre outros, contribuem para que os alunos do ensino médio sejam vulneráveis ao transtorno de ansiedade.

Vale ressaltar que ao longo das pesquisas para compreender as questões que influenciam no desenvolvimento de ansiedade em alunos do ensino médio, também foram pesquisados conteúdos para o aprimoramento de recursos que beneficiam em prol da saúde mental desses alunos.

Sendo estes recursos como, a contribuição do psicólogo, solicitação de programas de intervenção e prevenção, pelo fato de que o transtorno ansioso, em diversas ocasiões se agrava em depressão, somatização e outras patologias, podendo se manifestar em fatores de graves problematizações ao indivíduo, no decorrer da vivência.

A escolha do tema está relacionada ao estágio em orientação vocacional, no qual um grupo de alunos do ensino médio, tiveram oportunidades de projetar suas ansiedades com relação a escolha profissional. Apesar de ser realizado em um semestre foi possível desenvolver recursos, gratificantes, durante esse período.

A experiência, de pesquisar conteúdos bibliográficos, permitiu absorver conhecimento, sobre o contexto histórico do adolescente na contemporaneidade e também a forma de buscar recursos para os alunos que se veem vulneráveis a situações emocionais.

Com base nas vulnerabilidades, a importância deste tema, impõe formas de contribuições a saúde mental do adolescente dentro do âmbito escolar, no sentido de reconhecer suas fragilidades, fazendo presente, informações de acordo com a necessidade do aluno. Explorando a importância de um trabalho acolhedor e a participação da família e autoridade, seja de forma individual ou então através de roda de conversa. Diante dos levantamentos, foi possível entender os benefícios de um atendimento psicológico, na educação. Portanto, a necessidade da implementação de uma política que garanta psicólogos em uma rede de ensino público.

Por fim a psicologia por ser uma ciência, deve sempre fazer pesquisas com relação aos processos mentais do aluno, compreendendo e analisando os fatores que interferem em seu comportamento. Quando ocorre a liberdade das limitações biológicas, encontra-se mudanças em suas aptidões e comportamentos, por esse fato a importância da ciência ser cada vez mais eficaz nas escolas, possibilitando intervenções psicoterapêuticas para a ansiedade em alunos.

Consideramos que a intervenção desenvolvida em psicoterapia, na abordagem psicanalítica, proporciona entender através de sua técnica “associação livre”, quais foram os conflitos que podem despertar o aparecimento de sintomas ansiosos no aluno e, desta forma pesquisar quais os desejos inconscientes que entrou em conflito com sua vida escolar.

Dessa forma, acreditamos ser de extrema relevância falar sobre esse assunto e assim ampliar os estudos referentes a ansiedade em adolescentes, expondo a importância desse tema para a sociedade e para os profissionais da área da educação e saúde. Portanto, esperamos que esta pesquisa possa auxiliar na intervenção e prevenção de futuros casos de ansiedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADA, E. G. C. Focos de intervenção em psicologia escolar. **Psicologia Escolar e Educacional (Impr.)**, Campinas, v.9, n.1, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n1/9n1a19.pdf>>. Acesso em: 02/10/2019.

BATISTA, A.M; OLIVEIRA, S.M. Sintomas de Ansiedade mais comuns em Adolescentes. **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora**, São Paulo. v. 6, n. 2, pp. 43-50, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v6n2/v6n2a06.pdf>>. Acesso em: 26/03/2019.

BERNI, V.L.; ROSO, A. A adolescência na perspectiva na psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, pp. 126-136, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/14.pdf>>. Acesso em: 23/03/2019.

BOCK, A.M. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, Campinas, v. 11, nº1, pp 63-76, jan./jun.2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a07.pdf>>. Acesso em: 24/03/2019.

BOCK, A.M. A perspectiva sócio histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: A adolescência em questão. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, pp. 26-43, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n62/20090.pdf>>. Acesso em: 24/03/2019.

BORGES, A. I. et al. Ansiedade e coping em crianças e adolescentes: Diferenças relacionadas com a idade e gênero. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 26, n. 4, pp.551-561, out. 2008. Disponível em:<<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v26n4/v26n4a02.pdf>>Acesso em: 12/11/2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes**. Brasília: Ministério

da Saúde, 2007. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07\\_0400\\_M.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf)>. Acesso em: 23/04/2019.

BRITO, P. E. Ansiedade na Adolescência. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. XII, n. 2, p. 59-66. 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357735505004>>. Acessado em: 12/11/2018.

DSM-V. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. **American Psychiatric Association**; trad. Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FACHIN, C. D.; ORZECOWSKI, S. T. Os desafios da escola pública Paranaense na perspectiva do professor PDE. **Cadernos PDE**, Curitiba, 2014, v. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_unicentro\\_ped\\_artigo\\_cleuza\\_danielo.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_ped_artigo_cleuza_danielo.pdf)>. Acesso em: 27/08/2019.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E.F.M. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, pp. 227-234, abr./jun.2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n2/a04v26n2.pdf>>. Acesso em: 29/03/2019.

LISBOA, M. D. O papel do orientador profissional: orientando para as novas relações de trabalho. **Revista ABOP**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, pp. 55-63, 1998. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rabop/v2n2/v2n2a05.pdf>>. Acesso em: 27/08/2019.

MUNIZ, M.; FERNANDES, D. C. Autoconceito e ansiedade escolar: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.20, n.3, pp. 427-436, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n3/2175-3539-pee-20-03-00427.pdf>>. Acesso em: 25/03/2019.

OLIVEIRA, D. M; FULGENCIO, L. P. Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a Educação. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, pp. 67-80, abr. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v16n1/v16n1a06.pdf>>. Acesso em: 23/07/2019.

PILETTI, N. **Psicologia educacional**. 15<sup>o</sup> ed. São Paulo, 1997.

PONDÉ, D. Z. F. O conceito de medo em Winnicott. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 6, n. 2, pp. 82-131, 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/wep/v6n2/a06.pdf>>. Acesso em: 08/10/2019.

SILVA, L. G. M.; FERREIRA, T. J. O papel da escola e suas demandas sociais. **Periódico Científico Projeção e Docência**, v.5, n.2, dez. 2014. Disponível em: <<http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/viewFile/415/372>>. Acesso em: 01/04/2019.

SILVA, L. T. B. D. O jovem e a escolha profissional no século XXI. **X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, PUCPR**. Curitiba, nov. 2011. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4490\\_3606.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4490_3606.pdf)>. Acesso em: 26/08/2019.